

Article rank | 23 Apr 2011 | Expresso Economia | Ana Sofia Santos assantos@expresso.impresa.pt

Eles não querem ser a 'geração à rasca'

Candidatos a futuros líderes disputam semifinal da competição Primus Inter Pares em Peniche

"O Primus é uma celebração de talento e julgo que, nesse sentido, combate um pouco a imagem de 'geração à rasca' que é agora associada aos jovens portugueses", opina José Alguém, 22 anos, aluno de gestão da Nova. Isto porque "prémios como este demonstram que ainda existe quem acredite em nós e que ainda existem jovens que rejeitam o rótulo de geração perdida e 'à rasca' e que acreditam que com trabalho e ambição podem ser aquilo que querem".

Esta foi uma das razões que o levaram a participar no Primus Inter Pares, promovido pelo Banco Santander Totta, Expresso e McKinsey (através da Fundação Manuel Violante). A oportunidade de conhecer gente inteligente, bem informada e com ambição foi o principal motivo, a que se soma o "desafio pessoal" de perceber se tem ou não as competências para ser um líder no futuro.

José foi um dos candidatos que, há duas semanas, em Peniche, disputaram um lugar entre os finalistas do prémio. O Primus Inter Pares entrou na derradeira fase e, em breve, serão conhecidos os cinco melhores desta 8ª edição, que serão entrevistados pelo júri composto por Francisco Pinto Balsemão, Nuno Amado, António Vitorino, António Borges e Estela Barbot.

Oportunidades lá fora

Em jogo está um MBA (mestrado em gestão) numa escola de negócios de topo que irá ser pago aos três primeiros classificados. Uma oportunidade que não deixa indiferente Pedro Gil Rosmaninho, 25 anos, formado em gestão pela ISCTE Business School. Apesar de doente participou nas provas desenvolvidas pela consultora Egor, o que lhe permitiu conhecer "um grupo de pessoas especiais, com percursos diferentes e que acrescentavam sempre algo ao grupo".

Não sente que tenha o futuro hipotecado, apesar da atual situação do país. Sabe, no entanto, que "será necessário um maior esforço para ter melhores condições de vida. A minha geração irá herdar uma situação desfavorável e deve encarar isso como um desafio e uma oportunidade para se alterar a maneira como se faz política e se gerem as empresas em Portugal".

Marta Roballo, 22 anos, finalista de gestão da Católica, autoinclui-se entre os que têm a "sorte" de poder "sair" do país porque "quem fica vai ter de trabalhar mais do que o normal para conseguir um bom emprego". Imagina-se a crescer profissionalmente no estrangeiro, mas tem "a certeza" de que no futuro quer estabelecer-se em Portugal e abrir uma empresa de "consultoria de imagem que, mais do que a assessoria de moda, vai ajudar as pessoas a sentirem-se bem consigo mesmas".

A atração pelo estrangeiro é para João Tiago Calqueiro, 22 anos, uma fatalidade que o deixa "triste". Lamenta que Portugal se tenha tornado "de tal forma pouco atrativo que os jovens planeiam o seu futuro longe. O Primus mostrou-me que temos muito talento em Portugal, mas direi que 95% de nós pensam começar a carreira lá fora". No futuro, João (estudante de gestão na Católica) gostaria de ser CEO de uma empresa e contribuir "para fazer evoluir o país".

O que mais preocupa Maria Jardim Fernandes, 22 anos, aluna de Economia na Nova (a tirar o mestrado na Católica) é que "não consigamos, uma vez mais, aprender com os erros". No seu caso, "a sensação de futuro hipotecado" resulta do facto de temer que, depois de uma experiência internacional, regresse a um Portugal "na mesma".



Na semifinal do Primus é observado o desempenho dos 24 concorrentes mais fortes e são valorizadas capacidades como "a liderança, orientação para o sucesso ou criatividade", elenca Amândio da Fonseca, administrador-executivo da Egor e responsável pelos avaliadores (na foto é o segundo a contar da direita).

Printed and distributed by NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, US/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright and protected by applicable law.